

A CONSTRUÇÃO COLETIVA

“Em termos prospectivos, a idéia-força da construção coletiva aponta na direção da articulação entre o individual e o coletivo. Isto implica a valorização das diferenças como constitutivo do próprio coletivo”, bem como a valorização da perspectiva de processo, onde nada está pronto e acabado. Por outro lado, a construção coletiva coloca em discussão a questão do poder decisório e dos diferentes níveis de organização e instâncias de competências da vida em sociedade. A realidade não existe sem o ser humano, assim como o real não é apenas o ser humano.

O real é o mundo material e as relações que o ser humano estabelece na vida social, consigo mesmo, com a natureza, com os outros seres e com o transcendente. Desse modo, pode-se afirmar que o ser humano está ao mesmo tempo na esfera da natureza e da história. Isto quer dizer que não existe uma posição determinista em relação ao ser humano. O social não é produto de seres isolados, mas os indivíduos constroem sua subjetividade no real e nele sintetiza-se todo um conjunto de relações sociais que não determinam inteiramente a subjetividade do ser humano, mas algumas de suas formas fundamentais, bem como seus limites.

Por outro lado, as relações sociais não são supra-indivuais, nem tampouco se pode abstrair-las dos indivíduos concretos que as constroem. Apesar do caráter objetivo das relações sociais, o ser humano não as controla como autômato, mas como sujeito concreto, dotado de consciência e de vontade.

É justamente por isto, que os seres humanos são capazes de transformar suas circunstâncias, ainda que a sociabilidade capitalista tenda a transformá-los em objetos pela mercantilização de suas relações. É na luta contra este processo de mercantilização que deve ser entendida a força da construção coletiva. Para isto é fundamental a perspectiva de singularidade dos seres humanos, da recusa dos esquemas conceituais rígidos, onde o ser humano é refém seja de sua objetividade ou de sua subjetividade.

(...)Na construção coletiva coloca-se a questão da tomada de decisões. A pergunta central não é quem decide, mas como e para que se decide. São estas questões, do para que e como, que colocam na ordem do dia tanto a construção como o coletivo. Implica, ainda, a necessidade de transparência e circulação das informações para todos os que estão participando da construção. Por fim, implica a articulação de diferentes níveis e esferas de atuação.

O coletivo não necessariamente de todos que fazem tudo. Ao contrário, há distintos fazeres e habilidades. Daí a necessidade de criar espaços que estimulem e oportunizem diferentes fazeres, que se articulam em torno de objetivos comuns. A construção coletiva se apresenta como idéia-força capaz de articular as singularidades, num esforço propiciador da potencialização dos indivíduos, elevando-se ao autêntico processo de sua humanização e libertação criadoras.”

Extrato do livro:
Brasil: Alternativas e Protagonistas. Consulta Popular, 1999.

O PROBLEMA QUE NOS UNE
62,2 milhões de jovens e adultos brasileiros com 15 anos e mais não concluíram o ensino fundamental e, apenas, 6.591.378 (10,6 %) estão matriculados em EJA (PNAD, 2006).

XI ENEJA
Belém/PA - 2009



Marcha
Pró-Alfabetização
Brasília/DF - 2005

www.forumeja.org.br

forumeja@gmail.com

Contato em Brasília:

UnB/Fac. de Educação

Tel: 3307 - 2136



Universidade de Brasília / Faculdade de Educação
Administração descentralizada - Fóruns Estaduais e Distrital de EJA.



Apoio: MEC/SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

FÓRUNS DE EJA - BRASIL

Entrecruzamento de três lógicas: localização geográfica, segmentos e temas



FÓRUNS DE EJA - BRASIL